



Dama das letras

Designer de bolsas, atriz e ilustradora, a carioca Paula Parisot lança um elogiado livro de contos eróticos que revela os paradoxos da alma feminina sem fazer concessões

Por Luiz Antonio Ryff Foto Luiz Garrido

"QUEM SABIA DAS coisas era o meu filósofo favorito, Schopenhauer, que disse que as mulheres muito bonitas e inteligentes estão destinadas a viver isoladas", sentencia uma personagem do livro de contos *A Dama da Solidão*, da carioca Paula Parisot. Paula é muito bonita, inteligente, solteira e vive sozinha há dois anos. Mas não vive isolada, nem se aborrece com o pequeno espaço que ocupa em um flat do Leblon. Não poderia. Pelo menos com a vista completa da Lagoa, do Cristo Redentor e da Praia de Ipanema que se descortina diante de si.

"Gosto de ficar sozinha", diz ela, uma jovem pequena, pele bem branca, lábios finos, com olhos grandes e negros, da mesma cor dos cabelos longos e das sobrancelhas espessas. No dia da entrevista, está

debutante na literatura, ela era famosa no circuito fashionista do Rio por fazer bolsas de couro impecáveis -, as relações amorosas são o eixo principal. Há divórcios, traições, falta de diálogo, tédio e inquietação, desejos não correspondidos, casamentos por interesse, conveniência ou de fachada, e uniões seladas por razões banais e pouco românticas, como um porquinho com laçarote. "As pessoas vivem da aparência", diagnostica Paula - e de aparências obviamente ela entende. No livro, é como se estivéssemos espiando pelo buraco da fechadura a intimidade dessas mulheres que encontramos nas calçadas, nos restaurantes, na porta do shopping - mulheres aparentemente banais e, ao mesmo tempo, tão cheias de mistérios, mulheres como a própria Paula.

quero nascer amante", reflete a protagonista de "A Inocente". Há uma jovem que faz encenações eróticas de pinturas famosas em "Tableau Vivant". Em "Tocata e Fuga", uma moça gosta de apanhar durante o sexo, para desespero do amante que depois vira marido e aí não quer mais saber dessas coisas, ao contrário da mulher.

As personagens não sofrem com culpa nem remorso. Casam-se por interesse ou gostam de sexo violento, não há lugar para juízo moral. À exceção de uma ou outra história, não há esperança, nem "normalidade". Não há o "foram felizes para sempre" de filmes de sessão da tarde. A prosa de Paula não é água-com-açúcar. Estaria mais para o champanhe, com suas bolhas provocantes. É a bebida preferida da autora e de suas personagens. Fora o gosto por espumante, ela não vê muitas semelhanças entre si mesma e as mulheres do livro. "São pessoas solitárias", reflete ela, que, se não comunga das escolhas e visões de seus personagens, tampouco critica. E cita o poeta grego Cavafy que diz que, quando se entende, não se condena.

Paula se veste com simplicidade e sem afetação, assim como sua prosa. Jeans, camiseta preta, sandálias, unhas dos pés pintadas de vermelho, pouca maquiagem. Não gosta de falar a idade. Cuidadosa nas respostas, tenta não se mostrar muito. "Escrever é bom porque você manda em tudo, você se expõe sem ficar exposta." Criar personagens para ela é quase um hobby. Tanto que criou vários para si mesma. Formada em Desenho Industrial pela PUC-Rio, fez mestrado em Artes Dramáticas na New School University, em Nova York, aonde foi atrás de um namorado. (continua na pág 251)

"Se o Zé Rubem (Fonseca) não tivesse dito: "Escreve", eu não teria feito o livro. Ele é muito generoso e mudou a minha vida"

ouvindo um CD de música clássica em que seu tio-avô, Aldo Parisot, executa peças de Bach e Villa-Lobos. "Mas espero um dia casar, ter filhos, não me separar, ter uma família feliz", confessa candidamente enquanto oferece uma maçã. Em seguida, com a mesma naturalidade, reflete como se pensasse em voz alta: "É difícil ver uma pessoa feliz e bem casada".

Em seu livro de estreia, lançado há dois meses pela Companhia das Letras e muito bem recebido pela crítica - sobretudo quando se leva em conta que Paula é uma

Quase tudo no livro se desenrola sob a ótica feminina. As figuras masculinas de *A Dama da Solidão* são menores, mesmo quando protagonistas, ou têm um perfil controlador. Ainda que pareçam fortes, os homens são fracos ou vão se fragilizar até o final da narrativa. Em um dos contos, por exemplo, um senhor desiludido amorosamente se mata. A esposa reage com desdém. Muitas doses de erotismo e outras tantas de violência estão presentes na maioria dos 21 contos curtos do livro - escrito de forma crua e direta. "Na outra encarnação

DAMA DAS LETRAS

(continuação da página 240)

Ela se diverte ao contar que pôde mudar para os Estados Unidos graças a uma bolsa dada para mulheres oprimidas de países subdesenvolvidos. A tese que lhe deu a bolsa comparava os métodos de interpretação de Brecht e Stanislavski. Em Nova York, chegou a fazer uma peça Off-Off-Broadway e um filme alternativo. Como toda atriz iniciante, também trabalhou guardando casacos num restaurante. Depois, viveu em Paris com um namorado francês que viajava muito. Assim, passou por Índia, Mongólia, China, Egito e Marrocos. Nesse período, levantou um trocado fazendo frila de ilustradora. Aproveitava a visita aos países exóticos para comprar tecidos. Mas chegou uma hora em que cansou de tanta viagem. Queria voltar, mas não deixar o namorado. Dividida, terminou decidindo voltar. Até então nunca havia pensado em ser escritora. Já quis ser pintora, atriz e psicóloga. Fez teste para a Globo, mas acabou trabalhando com moda e virando uma respeitada designer de bolsas, aproveitando as caixas de tecidos comprados nas viagens. "É uma atividade criativa. É preciso analisar cores, mexer com tecidos, acompanhar a moda. Mas não me faz totalmente

feliz porque tem um horizonte limitado. E eu quero mais.”

Seu gosto por literatura começou quase por acaso. Na adolescência foi morar com os avós, que a alojaram na biblioteca da casa. No início ela não gostou. Até que um dia a avó lhe deu de presente *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca. A violência, a crueza, a desesperança e o vigor da história atingiram-na. Anos mais tarde, acabou conhecendo – e hoje é grande amiga – de Zé Rubem, como ela e os amigos do escritor octogenário o chamam. “Eu tremia inteira quando fui apresentada a ele. Fiquei atordoad”, recorda. Recebeu dele incentivo e conselhos, além da inspiração e de grande influência de estilo. “Se ele não tivesse dito para mim: ‘Escreve’, eu não teria feito. Ele é muito generoso. E mudou a minha vida.” Paula retribuiu dedicando o livro: “Para Rubem Fonseca, sempre”.